



METODOLOGIA DE PESQUISA EM HISTÓRIA: DO NEXO ENTRE AS FONTES E OS REFERENCIAIS ANALÍTICOS

Bárbara Valente de Deus Duarte (FA/UEM), Maria Eduarda Leão Rosa (FA/UEM), Moacir José da Silva (Orientador), e-mail: barbaraduarte10@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

História. Teoria e Filosofia da História

Palavras-chave: Simbologia, evolução cultural, antropologia.

Resumo

De acordo com o escopo geral desta pesquisa, o aprimoramento dos conhecimentos no campo das Teorias da História, esta investigação encerrou um estudo cujo tema versou sobre duas escolas de pensamento e os respectivos tratos intelectuais com as fontes, o que se dá em conformidade com seus pressupostos teóricos essenciais. Em consonância com este trabalho, observou-se que o uso das fontes de pesquisa guarda implícita relação com uma dada noção de evolução da história que encontra aporte significativo na escola antropológica que lhe confere identidade teórica. O recorte temático da pesquisa ora em cotejo recaiu, por um lado, sobre duas das principais correntes antropológicas da atualidade, a antropologia simbólica de Geertz (1973) e a cultural, de Carr-Saunders (1992) e; por outro, sobre o modo como elas balizam a seleção e modo de uso das fontes de pesquisa, particularmente, em Roger Chartier (1990) e Hayek (1952).

Introdução

O recorte desta pesquisa fez permanecer como fio condutor uma controvérsia intelectual centrada na questão do uso das fontes. Numa palavra, dois pontos cruciais assinalaram este trabalho. Primeiramente verificou-se a existência de uma noção indistinta de grupos conflitantes que,





inerente a antropologia simbólica, conduzia as pesquisas históricas ao exame dos atos simbólicos e de suas expressões em práticas sociais como forma de se reconstruir o passado. O segundo ponto foi analisar o conceito de evolução individual baseada em seleção de valores morais, como corolário dos referenciais desta antropologia cultural, verificou-se a ênfase na história das ideias como forma mais abrangente de reconstruir as tradições e costumes que deram sentido as ações humanas no passado. Esta problemática foi investigada num estudo bibliográfico qualitativo desenvolvido por meio de três fases.

Materiais e métodos

A pesquisa segue o referencial convencional para estudos do tipo essencialmente qualitativo; trata-se de um estudo bibliográfico focado em aspectos essenciais das metodologias de análise sobre o modo como se dá continuidade do processo histórico e seu nexos com o uso das fontes. O enfoque recairá especialmente sobre duas escolas clássicas de pensamento que, agrupadas, formam um conjunto de referenciais metodológicos clássicos para um extenso rol de estudos historiográficos. De acordo com isso este trabalho dividiu-se em três fases, todas elas voltadas para a diferenciação de aspectos metodológicos no campo das teorias da história. Num primeiro momento foram caracterizados os referenciais teóricos de alguns autores da escola antropológica simbólica; no passo seguinte foi procedida a análise da antropologia cultural e; ao final foram contrapostas duas correntes interpretativas caracterizando e diferenciando o modo como propuseram o uso das fontes de pesquisa para o historiador.

Resultados e Discussão

Roger Chartier (1990) em sua obra **História Cultural: entre práticas e representações** trabalha com a ideia de que existem representações sociais que produzem práticas humanas que formam a evolução da história por meio de agrupamentos sociais opostos. Para ele, a evolução está baseada no conflito e na decorrente dominação de um agrupamento social sobre outro. Neste contexto teórico, este conflito é concretizado por meio dos aparatos de utensílios mentais de cada época histórica; diz ele:





“As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras”. (Chartier, 1990, p. 27)

Chartier (1990) tem como aporte, neste aspecto, as ideias de Geertz (1973) o que implica num trato das fontes priorizando os atos simbólicos. Neles o que se percebe é que a comunicação e as simbologias expressam atitudes cotidianas dos homens do passado. Chartier (1990) toma como exemplo disso a literatura de cordel nos séculos XVII e XVIII na França, diz ele: “O que passou a ser popular não foram os temas, que continuavam a pertencer a literatura letrada, mas sim os objetos tipográficos e o preço mais baixo.”. (Chartier, 1990, p. 178). A cultura popular, segundo ele, através de simbologias como esta passou a expressar o modo de ser político dos camponeses franceses.

De acordo com isso, um resultado importante da pesquisa foi inferir que Chartier (1990) e Geertz (1973) propuseram uma valorização da simbologia como fontes de pesquisa na medida em que ela foi tomada por eles como o meio essencial através do qual se pode compreender melhor as práticas sociais.

Um outro resultado da pesquisa foi obtido quando do exame de uma outra ramificação teórica. Aqui a discussão investigada mostrou que Hayek (1952) e Carr-Saunders (1922), defensores da antropologia cultural, utilizaram os valores morais, percebidos especialmente no campo da história das ideias, como principal fonte de pesquisa para a reconstrução do passado.

Defensor das motivações morais como base do individualismo da ação humana, Carr-Saunders (1922) aborda o modo como certos hábitos e costumes propiciaram a melhor adaptação de certos grupos ao meio, diz ele: “[...] that the best adapted types have a better chance of survival than other types.” (Carr-Saunders, 1922, p.77). Segundo ele este processo adaptativo depende de valores, instituições, tradições, crenças e condições geográficas. Valendo-se deste aporte antropológico, Hayek (1952) assevera que as ações individuais convergidas em grupos é o que confere o significado real da evolução da história:





“People do behave in the same manner towards things, not because these things are identical in a physical sense, but because they have learnt to classify them as belonging to the same group, because they can put them to the same use or expect from them what to the people concerned is an equivalent effect.” (Hayek, 1952, p.25).

Conclusões

A pesquisa concluiu que o aporte antropológico apresenta influência relevante sobre o modo como a historiografia se utiliza das fontes para a reconstrução do passado. As antropologias simbólica ou cultural, tal como investigadas, dão suporte a diferentes formas de utilização das fontes de pesquisa histórica. A antropologia simbólica orienta os historiadores a reconstruírem o passado de grupos em conflitos por meio fontes como atos simbólicos e representações sociais. Por outro lado, observou-se que a antropologia cultural concebe a evolução histórica a partir da seleção cultural onde os indivíduos fazem sobreviver os valores mais adequados e profícuos para a maioria, formando assim instituições, regras e normas que dão significado a evolução histórica. Segundo este tipo de aporte a fonte essencial de pesquisa histórica é a história das ideias.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Moacir José da Silva, que nos últimos quatro anos vêm se dedicando e acreditando nos meus projetos, a Fundação Araucária, que financiou e possibilitou este e a minha família, pelo zelo e consideração.

Referências

- CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CARR-SAUNDERS, A. M **The Population Problem**. Oxford: The Clarendon Press, 1922.
- GEERTZ, C. **The Interpretation of Cultures**. Nova Iorque: Basic Books, 1973.
- HAYEK, F. A. V. **The counter-revolution of science**. Glencoe, Ill: Free Press, 1952.

